

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA CIDADE DE SANTA JULIANA-MG SOB
O OLHAR DOS TRABALHADORES MIGRANTES**

3970(c)

S.9

MARCO TÚLIO MELO MORAIS

3970
(c)

MARCO TÚLIO MELO MORAIS

**TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA CIDADE DE SANTA JULIANA-MG SOB
O OLHAR DOS TRABALHADORES MIGRANTES**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de Bacharel em
História, sob orientação do Prof. Dr.
Paulo Roberto de Almeida.**

Uberlândia, Dezembro de 2009.

MORAIS, Marco Túlio Melo, (1981)

Transformações sociais na cidade de Santa Juliana-MG sob o olhar dos trabalhadores migrantes

Marco Túlio Melo Moraes – Uberlândia, 2009

? fls.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavra-chave: Trabalhadores; Transformações; Santa Juliana; Trabalho.

MARCO TÚLIO MELO MORAIS

**TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA CIDADE DE SANTA JULIANA-MG SOB
O OLHAR DOS TRABALHADORES MIGRANTES**

Banca Examinadora:

Professor Dr. Paulo Roberto de Almeida – Orientador

Professor Dr. Sérgio Paulo Moraes

Professor Ms. Tulio Barbosa

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Maria das Dores Melo Moraes e Ronaldo José Santos Moraes pelo incondicional apoio tanto afetivo quanto econômico. Foram eles que, com muito trabalho, possibilitaram minha presença em uma instituição federal de ensino superior, este momento em estou prestes a concluir o curso e me ensinaram grande parte dos valores que levarei adiante. À minha irmã agradeço principalmente a convivência, esta que nem sempre foi dada aos beijos e abraços, mas que nos ensinou o quanto difícil é respeitar e entender aqueles com quem vivemos; além de nos treinar a paciência. Aos meus tios Amador Dias Da Silva e Ilda Moraes Dias e minha prima Carolina de Moraes Dias pelos vários momentos em que estiveram dispostos a me ajudar fosse qual fosse o problema e também à minha avó e tias que sempre estimularam meu crescimento.

Agradeço também à Renata Carolina Resende, por sua companhia, carinho e momentos de reflexão que me ajudaram na realização do curso e, principalmente, na vida pessoal. Aos professores Dr. Paulo Roberto de Almeida, orientador, grande incentivador, por vezes frustrado, da busca pelo conhecimento profissional e motivador dos interesses intelectuais e à Professora Dra. Maria Clara Thomaz Machado, professora do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, a pessoa que primeiro acreditou na possibilidade de desenvolver um trabalho comigo. Aos caros amigos que me acompanham a muito em minha trajetória de vida, Hugo, Cassiano, Abílio Renato e João Paulo e também àqueles que se tornaram amigos ao longo da graduação, Geraldão, Leandro “B2”, Gabriel “bixo”, César, Natinho, Luciano “napito” e muitos outros. Agradeço também ao professor Dr. Sérgio Paulo Moraes, pelos diálogos enquanto companheiro de projeto, mas principalmente pelas boas risadas.

Enfim, gostaria de agradecer a todos por suas contribuições na formação do meu caráter e também por me ajudarem a compreender as dificuldades que existem na vida cotidiana.

Resumo

O presente trabalho aborda como as mudanças nas relações de trabalho no campo e conseqüentemente os movimentos migratórios recorrentes na cidade de Santa Juliana – MG vão provocando transformações sociais na mesma. É interesse perceber como os trabalhadores migrantes vivem suas experiências e como estas estão relacionadas às suas ações no presente. Portanto, estaremos ao longo destas páginas procurando pensar sobre o movimento histórico em que estes trabalhadores estão envolvidos e, principalmente, os significados atribuídos por eles às suas vivências no local quando de sua chegada e estabelecimento.

Sumário

APRESENTAÇÃO -----	01
<u>CAPÍTULO 1:</u> MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: A PEREGRINAÇÃO EM BUSCA DE TRABALHO -----	06
<u>CAPÍTULO 2:</u> LUTAS, DESEJOS E REALIZAÇÕES DE TRABALHADORES NA COMPOSIÇÃO DA CIDADE -----	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	28
FONTES DE PESQUISA -----	29
BIBLIOGRAFIA -----	31

APRESENTAÇÃO

A descoberta do tema proposto se deu ao longo de uma investigação que vem sendo desenvolvida desde o início do ano com os trabalhadores migrantes do corte de cana que se estabeleceram na região do Triângulo Mineiro. Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Histórias, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas” financiado pela FAPEMIG.

Ao saber da existência de uma usina de cana-de-açúcar no município de Santa Juliana, desloquei-me até o local com o intuito contatar os cortadores de cana e, então, realizar entrevistas. No entanto, a partir do diálogo com alguns trabalhadores rurais locais e na ausência dos cortadores, tornou-se perceptível que, além das plantações de cana, a região de Santa Juliana é grande produtora de outras culturas agrícolas, dentre elas o feijão, a batata inglesa, a cenoura, o alho. Ficou evidente também que ali se encontrava um grande número de trabalhadores rurais advindos de outras regiões do país para trabalhar nestas plantações.

A necessidade de tal pesquisa se dá no sentido de compreender como os trabalhadores migrantes, sejam aqueles vindos da zona rural do próprio município, sejam aqueles que recentemente se dirigem à cidade de diversas regiões do país, têm interpretado as disputas travadas pela sobrevivência no local. Edward P. Thompson ajuda-nos a pensar tais disputas quando orienta que estas

[...] pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõe alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e

reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas.¹

Partimos do pressuposto de que o contato com os sujeitos e as diferentes formas pelas quais estes se colocam frente aos acontecimentos no presente, ajuda, no diálogo com o passado, a criar novas perspectivas para o futuro. Pode-se dizer que, ao voltarmos nossas inquietações para a problematização do tempo em que vivemos, podemos assumir a responsabilidade de dedicar-nos a uma reflexão crítica sobre o social no sentido de orientar nossa prática profissional para a construção de “outras histórias”. Histórias estas que nos permitam recompor enredos a partir dos quais possamos dimensionar as transformações nas diversas práticas sociais que compõe o cotidiano das classes trabalhadoras. Como praticantes da História Social, cabe dizer, não podemos deixar de entender que esta “[...] define o seu campo de reflexão ao formular problemas que ajudam a interpretar as relações entre os diversos grupos sociais, o que equivale trazer para o campo da história aqueles que são referidos apenas como coadjuvantes, quando o são [...]”.²

Nesse sentido, a ausência de fontes que nos aproximem das vivências desses sujeitos nos direcionou à produção de entrevistas que possibilitassem a apreensão dos problemas vividos por eles. Nesse caso, a grande conquista possibilitada pelo contato com as fontes orais seria, então, a aproximação com os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas sociais, estejam elas localizadas no passado ou mesmo no presente, ou seja, o olhar lançado por eles às suas experiências, às suas práticas³. Sendo

¹ THOMPSON, Edward P.. O termo ausente: experiência. In: A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Trad. de Waltensir Dutra. Editora: Copyleft, 2009, p. 234.

² CALVO, Célia R.; CARDOSO, Heloisa H. P.; ALMEIDA, Paulo R.. Trabalho e Movimentos Sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloisa H. P.; MACHADO, Maria Clara T. (orgs.). História: Narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 14.

³ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo: EDUC, 14, fev.1997, p. 25-39.

assim, merece destaque o importante papel de se dispor a buscar, no diálogo com estes trabalhadores, migrantes ou não, vestígios em suas memórias que nos falem a respeito de suas expectativas com relação à cidade de Santa Juliana, sentimentos estes que se concretizam das mais variadas maneiras.

Já que estamos falando a respeito da metodologia que ampara a realização do trabalho, faz-se necessária uma breve reflexão sobre a relação estabelecida entre historiador, metodologia e fontes. É com base nesta que se evidenciam as pretensões e os limites desta investigação, uma vez que a metodologia é o caminho escolhido pelo historiador para a produção e/ou interpretação das fontes pesquisadas. Partimos do pressuposto de que os homens constroem seus modos de vida a partir de relações originárias em um clima de tensão e disputas baseado na luta de classes. Assim sendo, no diálogo com as fontes devemos estar atentos para a noção de que a história necessita “[...] de um tipo diferente de lógica, adequado aos fenômenos que estão sempre em movimento, que evidenciam – mesmo num único momento – manifestações contraditórias”⁴. Sendo o historiador quem escolhe a temática, nos dias atuais esta pode gerar um amplo e variado espectro de pesquisas. Portanto, como a história não pode ser fixada em nenhuma estrutura em função de seu caráter transitório, podemos dizer o mesmo da construção do seu conhecimento. O que queremos dizer é que o historiador é quem atribui sentido à narrativa histórica a partir do momento em que interroga e interpreta as fontes, e que estas só têm algo a dizer a partir do momento em que o historiador tem algo a perguntar-lhes. A compreensão desta relação é o primeiro passo na elaboração do conhecimento histórico.⁵

Com relação às fontes utilizadas para a construção deste trabalho de conclusão de curso, em sua grande maioria fontes orais, penso ser importante, no sentido de tornar mais compreensível o caráter desse trabalho, aprofundar algumas questões acerca da

⁴ THOMPSON, Edward P.. Intervalo: a lógica histórica. In: A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Trad. de Waltensir Dutra. Editora: Copyleft, 2009, p. 56.

⁵ THOMPSON, Edward P.. Intervalo: a lógica histórica. In: A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Trad. de Waltensir Dutra. Editora: Copyleft, 2009, pp. 55-73.

História Oral – da experiência como evidência que pode ser transformada em fonte de pesquisa –, bem como acerca dos motivos que têm nos levado a optar por ela.

O que se pode perceber, no desenvolvimento dos vários trabalhos, é que trabalhar com a fonte oral implica, sobretudo, pensar a subjetividade do pesquisador, já que este participa de forma efetiva na elaboração do documento. Sendo assim, quem faz as perguntas no momento da entrevista necessita estar atento no sentido de colocar, para o entrevistado, angústias que sejam suas. Dessa maneira, tem de possibilitar ao entrevistado manifestar-se “livre” de qualquer influência. Porém, tendo consciência de que essa “liberdade da influência” está cercada de limitações, uma vez que nenhuma questão é elaborada de forma “gratuita” e quando o pesquisador a faz é com a intenção de obter resposta para algo que o incomoda. Parece ressaltar o óbvio, mas é preciso deixar claro que, uma vez feita a pergunta pelo pesquisador, esta não está isenta da subjetividade e da concepção do autor acerca da história e da pesquisa histórica.⁶

Portanto, podemos pensar a fonte oral como uma alternativa extremamente criativa. Considerando ainda que o diálogo que se estabelece entre o pesquisador e o entrevistado, no momento da entrevista, constitui uma experiência muito significativa, um espaço para a elaboração, para a manifestação da memória e avançando ainda, como uma democratização da fala. Penso ser interessante que pessoas comuns, trabalhadores, possam falar de suas impressões, anseios, desejos, enfim de suas vidas, colaborando para que estas sejam registradas. Assim, por meio desses registros e dessas experiências é possível pensar as contradições do espaço urbano, a questão da moradia, saúde, desemprego, violência e tantos outros problemas que vivenciamos no nosso meio social. Isto representa compreender como esses trabalhadores vivenciam as contradições nas relações estabelecidas na cidade. Como resistem e/ou sujeitam-se, acomodam-se ou buscam alternativas de vida.

⁶ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo (Dossiê Teoria e Metodologia), vol. 1, nº 2. Rio de Janeiro, 1996, p. 59-72.

Contudo, ao falar do uso da fonte oral, não se pode negligenciar as dificuldades existentes e que se colocam ao uso destas. Além das questões metodológicas, que, a rigor, instituem-se aprendizado contínuo que vai desde realizar a entrevista, transcrever, digitar, até a análise. É preciso ainda, atentar para o uso que se faz da entrevista, afinal estamos lidando com a experiência de sujeitos, que são seres humanos, e isso exige sempre sensibilidade, respeito e ética.

Nesse sentido tento reconstruir nesse trabalho monográfico a trajetória de pessoas que vieram da região rural para Santa Juliana. Pessoas essas que fazem parte da construção do espaço urbano da cidade que começa a crescer com a chegada dos mesmos. No primeiro capítulo falo dos distintos movimentos migratórios na cidade, um de pessoas advindas da área rural do Município de Santa Juliana, do qual continuo a tratar no segundo capítulo. E o outro a chegada de migrantes de outros estados para o trabalho na olericultura em fins da década de 1990. Fazendo uma breve leitura sobre os mesmos.

No segundo capítulo tento perceber como esses trabalhadores se adaptam à nova realidade na cidade e nos novos empregos, como essas pessoas entendem o processo pelo qual passaram, as inúmeras mudanças que sucederam no momento que deixaram o campo e vieram para a cidade de Santa Juliana. Para isso faço uma análise também do primeiro bairro de Santa Juliana, o São Judas, doado pelo prefeito em fins da década de 1980, como uma ação para abrigar esse novo contingente de pessoas que vieram para Santa Juliana nesse período, e as que se encontrava na cidade mas não tinham casa própria.

Capítulo 1

Movimentos migratórios: a peregrinação em busca de trabalho.

Santa Juliana está localizada no interior do Estado brasileiro de Minas Gerais às margens da rodovia BR-452, que liga as cidades de Uberlândia e Araxá. Região do Triângulo mineiro e Alto Paranaíba, como é conhecida.

MAPA 1: Localização física da cidade de Santa Juliana



Fonte: CEPES/IEUFU⁷

⁷ Levantamento de indicadores demográficos e sócio-econômicos: Município de Santa Juliana – MG. Relatório final produzido pelo CEPES (Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-sociais), vinculado ao IEUFU (Instituto de Economia da Universidade de Uberlândia), no ano de 2001. Documento disponível no endereço eletrônico: www.ie.ufu.br/cepes/tabelas/Pesquisas/StaJuliana.pdf.

A cidade é um local marcado por transformações decorrentes de um processo de urbanização recente. No diálogo com vários de seus atores sociais hoje, percebemos e podemos compreender o processo de formação dessa cidade como um campo de disputas, no qual são evidenciadas as múltiplas mudanças nas relações de produção e trabalho no campo e, concomitantemente, nos modos-de-vida dos trabalhadores. A importância de nos aproximarmos das pessoas que estão em relação direta com este crescimento passa pela possibilidade de compreendermos como os trabalhadores reagem às condições que lhes são impostas.

Da década de 1960 em diante a cidade passa por uma migração que o Brasil vem conhecendo desde meados do século XX, que é o êxodo rural. As pessoas que vivem na zona rural do município nesse período vão se deslocando para a cidade devido à crescente escassez de trabalho na roça. Este movimento estende-se, pelo menos, até a segunda metade da década de 1980, momento em que a migração aparece de forma intensificada de acordo com relatos orais.

Já em fins da década de 1990, com o advento da horticultura no município, o movimento migratório se configura de maneira diferenciada. Os trabalhadores novamente buscam refúgio na cidade, porém desta vez eles vêm de várias regiões do país atraídos pela grande oferta de emprego. Acompanhado de intensas e constantes transformações na agricultura, especialmente nas relações de trabalho travadas no campo, percebemos então dois momentos distintos no movimento migratório para Santa Juliana. Esses migrantes vão compor o cenário da cidade transformando seus espaços e travando disputas por memória, espaço, trabalho e conciliações entre habitantes mais antigos e os recém chegados. Valores serão contrapostos julgados e transformados.

Os anos de 1960 e 1970 no Brasil são marcados, quando analisados os planos econômicos empreendidos, pela necessidade de se adequar a produção agrícola aos moldes tecnológicos já presentes, sobretudo, nas áreas industriais. Podemos dizer que esta adequação se dá no sentido de promover a modernização do processo produtivo no campo. Para que isto ocorresse e a agricultura saísse de sua posição de “retardatária” ante ao setor urbano-industrial, o que pesava sobre o crescimento econômico do país, foram realizadas medidas que permitissem e estimulassem o aumento da produtividade

do setor, com o intuito de atender o mercado interno, disputar espaço no externo e estimular o desenvolvimento da agroindústria.

Contudo, este ideal modernizador trabalha no sentido de fortalecer o capital e, portanto, aqueles produtores que possuem maior poder de barganha com relação à obtenção de crédito para corresponder às novas exigências do Estado brasileiro e, principalmente, as estabelecidas pelas relações econômicas mundiais. Assim, pequenos produtores, arrendatários, meeiros, trabalhadores rurais, entre outros, são prejudicados e impedidos de participar dos ganhos obtidos a partir das relações de mercado. E, além de tudo, vêem cada vez mais distante o sonho da reforma agrária.⁸

Nesse período, em Santa Juliana muitas pessoas deixam o campo à procura de emprego na cidade, há uma migração de pessoas da própria região para cidade devido à modernização da agricultura e concentração de terras, os latifúndios. As pessoas vão para cidade em busca de algo que lhes assegure a sobrevivência, pois as relações de trabalho no campo nesse momento estão em intensas transformações. Nesse primeiro capítulo vamos nos ater as transformações que ocorrem no trabalho do campo e na vida dos trabalhadores nos dois processos de migração em diferentes conjunturas em Santa Juliana.

Nesta conjuntura, em que a maioria das pessoas ligadas à terra vão paulatinamente perdendo seu espaço no campo, se é que o tiveram algum dia, percebemos que a cidade de Santa Juliana foi um local que abrigou grande parte dos trabalhadores migrantes da zona rural na região. O depoimento do Sr. Cícero Messias Velasco, natural do município e morador da cidade a “*uns quarenta anos*”, nos coloca diante de alguns elementos que nos permitem refletir sobre as transformações na relação campo/cidade e também:

M.T.: Nascido e criado. É.... quando cê era pequeno o que qui ocê fazia aqui? Como qui era a cidade?

⁸ NETO, Wenceslau Gonçalves. Estado e Planejamento: a agricultura nos planos de governo no Brasil (1960-1980). Revista História e Perspectivas, nº 10, Uberlândia, UFU, 1994.

C.: A cidade, na época quando eu era pequeno isso aqui era um... desse tamãezim. Cidadezinha muito pititinha. Num tinha movimento, num tinha nada. Era uma currutelinha. Depois é qui foi crescendo. Cum movimento.

Por volta da década de 1960 Santa Juliana, como podemos perceber, era uma cidade muito pequena, a maioria dos habitantes residia no campo. Ali era então um local com poucos recursos, no qual as pessoas comercializavam os produtos produzidos no campo, geralmente alimentícios e/ou objetos relacionados à garantia da produção. Porém, o trecho acima nos indica que neste momento as transformações na cidade começam a aparecer. O movimento em que as pessoas que residiam no campo foram aos poucos migrando para a cidade dá sinais da valorização da vida na cidade e nos apresenta as mudanças ocorridas tanto no ambiente rural quanto no urbano.

M.T.: Quando cê nasceu seu pai já morava na cidade mesmo ou...?

C.: Não. Na zona rural

M.T.: Zona rural. E cê veio por causa de que pra cá?

C.: Ah, eu vim porque na zona rural foi ficano mais difícil pra trabalhá. E na época quando eu vim pra cá era rapaiz novo, gente jovem, sabe como qui é num qué no mato que ficá mais na cidade. Mais foi por causa disso. To aqui até hoje. Já tem uns quarenta ano qui eu mora aqui, eu vim pra cá eu tava cum.... acho qui com 16 ano quando eu vim pra cá.

M.T.: E ocê vei trabalhá com o que?

C.: Na época eu vim praqui eu trabalhei, nois fizemo uns aterramento aonde é o Posto Naves ali, ali num tinha cidade não, ali era um brejo, era água ali sabe. Nois fomo trabalhá ali. Nois enchia o caminhão na pá, caminhão de cascalho e perra pra aterrá aquilo ali, era água...⁹

Ao relatar suas experiências migratórias, o Sr. Cícero ajuda-nos a recompor o processo histórico na medida em que ele recorre à cidade como forma de manter sua existência. A vida no campo já não é suficiente para atender às suas expectativas com

⁹ Cícero Messias Velasco. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

relação ao futuro. Nesse sentido, a atração exercida pelo “*movimento*” da cidade, tem para o entrevistado especial importância, sem muitas oportunidades de emprego no campo ele vê na cidade a possibilidade de não lhe ocorrer o mesmo. O discurso em favor da cidade nos remete às manobras publicitárias promovidas no período de sua migração para que a cidade fosse vista como modelo, como ideal para a vida em sociedade. O lugar no qual os mais variados recursos estão à disposição e alcance de todos. Uma valorização que parece tentar justificar a expropriação da terra e, conseqüentemente, o movimento do homem do campo para a cidade.

Se pensarmos no seu primeiro emprego na cidade, podemos perceber que havia neste período uma necessidade por ampliação da mesma. Portanto, o crescimento e as transformações recorrentes na cidade estão atrelados às políticas desenvolvidas para que o país alcance certa estabilidade econômica. Com as modificações empreendidas nas relações de trabalho no campo novas demandas passam a ser postuladas, e o trabalhador que retirava da terra o seu sustento passa a ser peça fundamental da (re)configuração do espaço urbano. Assim, o serviço encontrado por ele na cidade estava longe do que lhe era oferecido no campo. Seu conhecimento sobre o trabalho na zona rural – plantio e desenvolvimento de lavouras das mais variadas culturas, colheita, criação de animais, entre outros – já não tem mais importância e o novo serviço, ou melhor, novos serviços, necessitam apenas do seu esforço físico, encher à pá de cascalho os caminhões para posteriormente realizar-se o aterramento. Contudo, para este senhor a cidade era uma espécie de vitrine. Um local no qual ele poderia estar em contato e participar das intensas relações de desenvolvimento da cidade.

O Sr. Cícero não foi o único a abandonar o campo para tentar a sorte na cidade, várias pessoas tiveram que enfrentar o mesmo trajeto; de maneiras diferenciadas, mas impulsionados, quase sempre, pela falta de oportunidades de sobrevivência na zona rural. O Sr. Sebastião Donizete Teixeira é outro sujeito que, nascido no campo da década de 1950 em diante, vê os trabalhos ali se restringindo. Se por um lado muitos dos pais destas pessoas conseguiram que seus filhos crescessem, ao menos parte de suas vidas no campo, por outro lado muitos destes filhos se quiserem prover a si mesmos e também a futuras gerações com seu trabalho, não vêem outra opção a não ser a migração para a cidade em busca de emprego. Este senhor durante parte da sua

passagem pelo campo esteve envolvido em conjunto com a sua família com a prática de meeiro. Com a modernização no campo perdeu seu trabalho para as máquinas e migrou para a cidade à procura de emprego:

S.: (...) o povo migrava muita gente da zona rural

M.T.: Nessa época da zona rural?

S.: Nessa época muita gente na zona rural, eu mudei pra cá em 86, em fevereiro de 86. Eu morava na zona rural, fevereiro de 86 qui eu vim mudá pra cidade, né?

M.T.: Cê veio por causa de que pra cidade?

S.: Aí foi restringino os trabalho na zona rural. Porque é o seguinte. É.... antigamente a gente plantava um pedacinho de terra meiava com o patrão e... colhia a metade pra ele metade pra gente. Só qui aí foi restringino, os trabalho foi ficano mais poco, foi chegano trator e serviço braçal que havia na fazenda num tinha, cê tá entendendo? Daí nessa época a gente já havia mexido com carvoeira aí as carvoeira foi acabano com o cerrado da nossa região também, né? e a solução foi vim pra cidade procurar.... a procura de emprego”¹⁰

Tomando como referência a comparação entre o ano em que o Sr. Sebastião muda-se para a cidade e o período em que o Sr. Cícero encontra-se na cidade, podemos perceber que as famílias migraram lentamente da zona rural. Os interesses da indústria e da agroindústria, além de alterarem as paisagens do cerrado com as carvoeiras e as grandes plantações, vão minando as expectativas do trabalhador e transformando drasticamente os seus costumes. As vivências alicerçadas no campo vão sendo, aos poucos, reprimidas até o ponto em que o trabalhador só é necessário do ponto de vista técnico, com vistas à modernização e valorização do capital. Assim, as disputas travadas cotidianamente pelos trabalhadores são relacionadas à necessidade do trabalho, o que é visto como condição da classe.

Percebemos a tentativa da família do Sr. Sebastião de trabalhar com carvoeiras como uma espécie de recusa em abandonar o campo, uma resistência às condições que vão lhe vão sendo impostas. Contudo, o espaço vai se tornado tão restrito que ao menos

¹⁰ Sebastião Donizete Teixeira. Entrevista realizada no dia 04 de dezembro de 2009.

ele tem de se colocar em busca de novas experiências que possam lhe garantir condições necessárias para a sua sobrevivência.

Ao chegar à cidade o Sr. Sebastião começa a trabalhar na prefeitura, como operador de máquinas, já que havia acumulado alguma experiência pelo trabalho com as máquinas no campo. Estabelecer-se no local não é tarefa simples. Após algum tempo trabalhando na prefeitura ele é mandado embora, de acordo com o mesmo por motivos políticos – o prefeito então eleito, 1992, demite todos aqueles que lhe eram contrários, práticas de favorecimento tão raras na história política brasileira. Os trabalhadores ficam à mercê dos interesses políticos e são tratados como objetos facilmente manobráveis. Desempregado, tem de trabalhar fora como motorista só retornando a trabalhar na cidade quando novamente seus aliados políticos assumem a administração pública.

As entrevistas aqui utilizadas ajudam-nos a colocar em movimento o processo de urbanização da cidade apresentando a ampliação dos postos de trabalho, demandas por moradia, saúde, educação, etc. Contudo, o que nos chama mais a atenção tratam-se das imposições colocadas a estes trabalhadores. As manobras realizadas pelas pessoas que estão à frente dos investimentos capitalistas pouco ou quase nada têm como referência os trabalhadores, estes são tratados como peças de um jogo no qual são eles os colocados para o sacrifício.

Na década 1990, a cidade, que tinha sua agricultura voltada para a produção de poucos produtos ocupando grandes áreas, como o milho, a soja e o feijão, vê surgindo em suas terras diversas outras culturas: batata, cebola, alho, entre outras. Se as culturas que predominavam nos campos de plantações de Santa Juliana anteriormente necessitavam de pouco contingente de mão-de-obra, tanto para o plantio quanto para a colheita e, como vimos, terminaram por expulsar os trabalhadores do campo, pois as máquinas conseguem fazer praticamente todo o serviço, as novas lavouras ao contrário necessitam para o andamento de sua produção de um enorme número de trabalhadores – as máquinas neste caso servem os proprietários somente no transporte e no beneficiamento dos produtos (através de lavadoras), este último emprega grande quantidade de pessoas na época da colheita para trabalharem nas lavadoras dos

tubérculos, principalmente batatas e cenouras. Com isso, tem-se o início do segundo movimento migratório em direção à cidade.

A ocupação das terras do município de Santa Juliana pela olericultura dá-se devido às facilidades com relação ao cultivo, o que não ocorre em algumas cidades da região. Tais motivações podem ser percebidas tanto nos aspectos políticos quanto nos aspectos físicos da região. O Sr. Sebastião pode nos explicar com um pouco mais de detalhes:

“(...) não sei viu. A.... a Nova Ponte tem a tradição familiar que.... que.... o cara é de Uberaba, Uberaba são os criadores de gado e Nova Ponte por exemplo tem a parte família Pereira, né?, nesse sentido. Agora Perdizes tem um município grande demais mas é um município é.... é.... um município muito montanhoso, serra cê tá entendendo? Mais cê dispõe de muita terra boa mais não são tantos. Santa Juliana são concentrado demais muita água.... muito.... muita terra plana sabe?, pronto pra plantio mesmo. Então eu acho qui foi isso que.... o que trouxe mais o pessoal da olericultura foi a.... de água, muita água mesmo. Nós temos vários ribeirão aqui ó!”¹¹

Neste período novamente aparece a necessidade do trabalho braçal no campo e em grande escala. Contudo, os trabalhadores agora estão limitados a viver na cidade e sua relação com o campo se vê limitada pelo aspecto econômico. Nesse movimento o trabalhador vai sendo condicionado à exploração de sua força de trabalho pelos grandes latifundiários. Portanto, fica evidente que as medidas tomadas com relação à produção na agricultura, por vezes, deixam de lado os interesses das classes trabalhadoras em benefício das articulações do mercado interna e externamente. Os investimentos relacionados aos aspectos sociais só aparecem no sentido de reduzir minimamente os problemas desta classe. Com o grande número de pessoas residindo na cidade, bairros sem qualquer tipo de infra-estrutura vão sendo criados como que para remediar os problemas decorrentes do inchaço populacional.

Não só a olericultura, mas também outro ramo em alta no país há várias décadas, a cana de açúcar, vem ocupando espaço expressivo no cenário da cidade de Santa

¹¹ Sebastião Donizete Teixeira. Entrevista realizada no dia 04 de dezembro de 2009.

Juliana. A Usina de cana-de-açúcar instalou-se no município no ano de 2004 e desde então provoca a atração de mão-de-obra sazonal para o trabalho no corte e no plantio da cana além de contribuir fortemente para a mudança nas relações de trabalho e também na paisagem do município. Aliás, não só do município, mas de grande parte da região do Triângulo mineiro e Alto Paranaíba.

Posto esse quadro, pensar as transformações ocorridas com o deslocamento de diversos trabalhadores para esta cidade se faz como tentativa de trazer estes trabalhadores para o centro das discussões historiográficas. Relegados ao esquecimento por grande parte dos historiadores, estes sujeitos podem ajudar-nos a compreender a dinâmica de exploração que sustenta o atual modo de produção, colocando-nos frente às suas necessidades e expectativas traduzidas nas interpretações e significados que atribuem às suas experiências no presente. Portanto, assumir “a perspectiva de lidar com homens e mulheres não como indivíduos compartimentados, mas fazendo-se socialmente, compartilhando experiências e memórias, moldando a realidade ao tempo em que são moldados por ela”¹² ajuda-nos a manter a possibilidade de sempre caminhar no sentido da ampliação do conhecimento histórico em contrapartida às generalizações criadas sobre bases epistemológicas essencialmente idealistas.

Os trabalhadores que migram para a cidade para atender as demandas por trabalho nas lavouras estão geralmente em busca da possibilidade de melhoria em suas condições de sobrevivência. Segundo os próprios trabalhadores, em suas regiões de origem as dificuldades em se conseguir empregos são inúmeras. Os postos de trabalho comumente mencionados são os serviços na “roça”, na qual se planta praticamente os alimentos que subsidiam sua sobrevivência, sem ônus do poder público, seja municipal, estadual ou federal, muito menos lucros que possibilitem investimentos futuros, e também cargos públicos, como professores e funcionários da prefeitura.

¹² KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. IN: MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara Aun (orgs.). Outras histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'Água, 2005, p. 22-43.

Grande parte destes trabalhadores são provenientes do norte do Estado de Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha) e de alguns Estados do nordeste brasileiro, como por exemplo, Bahia, Ceará e Maranhão, sendo este último o Estado que mais “empresta” mão-de-obra para o trabalho nas lavouras da cidade. Muitos desses sujeitos acabam encontrando na cidade condições que permitem a permanência ali. O Sr. Pedro Bispo, trabalhador rural natural do Estado baiano e morador da cidade há sete anos, ao ser entrevistado, nos coloca diante do seu problema no antes de se dispor a desbravar novos lugares e também dos meios encontrados por ele para solucioná-los:

M.T.: O Sr. veio por causa de que?

P.B.: Emprego....¹³ porque muito (trecho sem compreensão) emprego. Porque antes deu vim pra qui eu morei na cidade de Coromandel. Lá num é uma cidade ruim, mais sobre emprego é muito devagar. Santa Juliana é uma cidade qui ocê chega.... é uma cidade qui tem emprego.¹⁴

Um dos elementos apontados em várias das entrevistas e que parece contribuir mais intensamente para a permanência, na cidade é a grande oferta de emprego. Grande parte dos trabalhadores que residem na cidade há alguns anos, como é o caso do Sr. Pedro, vêem a cidade, ao menos em sua chegada, com uma espécie de “porto seguro”, um local no qual se pode criar raízes. Sendo assim, visualizamos a expectativa de não ficar sem trabalho, especialmente no período entressafra, como um grande diferencial para os trabalhadores que optam por ficar em Santa Juliana, o que também a diferencia de algumas cidades da região. Como a produção é diversificada, assim que finda o trabalho em determinado cultivo, existem outros aos quais os trabalhadores podem se dedicar. Com o término da colheita do feijão, passa-se à colheita da cebola, por exemplo.

M.T.: E o que qui fez o Sr. ficá aqui nessa cidade?

¹³ O símbolo faz referencia a alguma pausa um mais demorada. Geralmente são momentos em que o entrevistado pensa um pouco mais antes de responder.

¹⁴ Pedro Bispo. Trabalhador rural residente na cidade. Entrevista realizada no dia 01/09/2009.

G.: A cidade fez... aqui foi bão pra minha saúde, uma área de muito trabalho (trecho sem compreensão) pensa qui, graças à Deus quando eu paro de trabaia aqui é 3 meis. O trabalho aqui é imendado. Num é serviço pro cê ficá rico mais ocê emprega muita gente.¹⁵

O trecho acima foi extraído de uma entrevista realizada com o Sr. Geraldo Marcondes Ribeiro. Mineiro de Santo Antônio do Amparo o Sr. Geraldo mudou-se para Santa Juliana no ano 2000. Procurado por fazendeiros interessados nos seus serviços, passou alguns dias na cidade. Percebendo a grande procura por trabalhadores resolve mudar-se e se estabelecer no local. Este senhor trabalha como “turmeiro”. É ele o responsável por reunir os trabalhadores que realizaram a colheita nas diversas plantações. Ao dizer “a cidade fez....” este senhor admite o local como tendo condições necessárias para o estabelecimento, ou seja, fica evidente que os problemas vividos por ele em outras cidades não são mais presentes na cidade escolhida como moradia fixa e por tempo indeterminado, já que as preocupações em relação à manutenção de sua sobrevivência (caráter econômico) e de seus familiares também ficaram para trás.

Assim nesse primeiro capítulo tento colocar um pouco das motivações que levam esses trabalhadores a procurar Santa Juliana para trabalhar e fixar-se nesse local. Por meio das possibilidades travadas pela agricultura o local tem crescido consideravelmente nas últimas décadas de acordo com diferentes tipos de migração que são geridos pelas mesmas necessidades, o trabalho e a estabilidade no mesmo.

No segundo capítulo falarei sobre como essas pessoas transformam suas vidas e a cidade de Santa Juliana com a sua chegada a partir deste movimento migratório. As transformações tanto na vida desses trabalhadores como da população local e da própria paisagem da cidade são elementos que nos interessam para a compreensão do cotidiano das classes trabalhadoras e suas constantes lutas

¹⁵ Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana com o Sr. Geraldo Marcondes Ribeiro, no dia 01/09/2009.

Capítulo 2

Lutas, desejos e realizações de trabalhadores na composição da cidade

Como vimos no capítulo anterior, à chegada dos trabalhadores do campo na cidade de Santa Juliana não ocorre envolta por um clima de festa. Saídos da zona rural, agora vão em busca de se manter na cidade, ou seja, necessitam de trabalho e moradia. Neste capítulo, com relação à migração do campo para a cidade, tentaremos avançar em relação às condições que estes sujeitos têm de enfrentar quando tentam se estabelecer ali, tarefa não muito fácil e menos ainda agradável, como veremos no desenrolar destas linhas. Trataremos também com algumas evidências a respeito das vivências dos trabalhadores migrantes vindos de outras regiões do país. Contudo, nos deteremos apenas a algumas menções, pois a investigação das experiências destes será objetivo do desenrolar da pesquisa futuramente.

Inicialmente partiremos de entrevistas realizadas com alguns moradores do bairro São Judas. A construção deste bairro foi iniciada em fins da década de 1980 e faz parte de uma ação da prefeitura local com vistas a resolver as insurgentes demandas por moradia decorrentes do processo de migração dos trabalhadores rurais para a cidade. Analisar o desenvolvimento deste local nos permite perceber como as pessoas envolvidas no movimento migratório são recebidas na cidade e, além de tudo, como estes sujeitos vivem um cotidiano marcado por intensas disputas pela vida na cidade.

“ (...) isso aqui num tinha cidade não. Isso aqui era mato isso aqui. Igual nois tava conversano antes ali. Era só água qui tinha aqui. Eu sô um dos mais vei morador daqui. Construí e vim pra cá.”¹⁶

A partir deste trecho extraído de uma entrevista realizada com morador do bairro em questão, podemos pensar sobre alguns elementos presentes na constituição do mesmo que nos colocam em contato com as dificuldades dos trabalhadores para se estabelecerem na cidade. No momento em que se deu a construção do bairro as

¹⁶ Cícero Messias Velasco. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

condições do local não eram muito favoráveis à habitação. Contudo, como o poder de compra das pessoas que migravam do campo era pequeno, a idéia de investir os resultados de muito trabalho na construção da casa própria brilhava-lhes aos olhos. Assim, mesmo que o local escolhido para a construção do bairro não contava com o mínimo de infra-estrutura, pessoas como eles e suas famílias mudam-se assim mesmo.

“A prefeitura doou os terreno aqui só e doou um pouco do material. Isso aqui era pra fazê casa popular depois eles fizeram uma proposta doar os terreno um pouco do material quem quisé construía. Aí nois conseguiu assim sem paga nada, entendeu.”¹⁷

As condições a que são submetidos os trabalhadores que migram do campo nos apontam para a falta de recursos da cidade para recebê-los. A mudança da estratégia do poder público, deixando de fazer casas populares e partindo para a doação do terreno e de parte do material, é uma manobra que indica a tentativa da mesma de se eximir de responsabilidades futuras e coloca os trabalhadores à mercê de sua própria sorte. São definidos então os locais em que irão morar na cidade e também as condições em que irão residir. É de grande importância para visualizarmos esta conjuntura, o trecho em que o Sr. Sebastião nos relata sobre as soluções encontradas para que os problemas encontrados no bairro, relacionados à falta de água, esgoto, asfalto e a energia, fossem minimizados. Praticamente esquecidos no local eram eles os responsáveis por resolver seus problemas com as próprias mãos:

“Quando eu morei aqui morava o.... o guarda que havia sido contratado pela prefeitura e um senhor já falecido, o Sr. Mozart. Eu fui a terceira pessoa que habitou o bairro. Eu cheguei aqui num tinha nada mas pra se livrar de aluguel, casa da gente. Furei uma fossa é.... energia vinha do poliesportivo ali na frente (...) água era lá do poliesportivo que já tinha um poço artesiano com aquela caixa e da caixa trazia água. Vinha primeiro pro senhor qui era o guarda e daí a gente foi tirano uns canin lá dele e tal, da água que ia pra ele pra podê abastecê as casas. Aí nois viemo pra cá, ficamo aí.”¹⁸

¹⁷ Cícero Messias Velasco. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

¹⁸ Sebastião Donizete Teixeira. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

As melhorias no bairro só vieram com o passar dos anos e dos enfrentamentos com a prefeitura. Estes embates com o poder público da cidade foram, e ainda o são nos dias de hoje, imprescindíveis para que os moradores conseguissem conquistar a tão sonhada infra-estrutura. Entretanto, quando indagamos os moradores sobre possíveis problemas que os acompanham no bairro nos dias de hoje, em sua maioria eles nos apontam para a necessidade de se asfaltar a rua que margeia os limites entre o bairro e a rodovia. Como não existem casas com as fachadas voltadas para esta rua e nem todos os moradores sofrem com o problema a prefeitura continua adiando as obras.

Para termos uma dimensão do longo período a que estas pessoas estão sujeitas aos problemas de base, podemos tomar como referência o período em que aparecem os primeiros moradores (fins da década de 1980), o período em que asfalta o bairro (fins da década de 1990) e o problema da rua ainda sem asfalto. São submetidos à falta de estrutura e saneamento dos bairros, mas penso também que para essas pessoas pode não ter sido encarado como algo ruim. Visto que puderam assim manter alguns hábitos rurais como criar animais na própria cidade, construíam em seus lotes galinheiro ou chiqueiro, entre outros hábitos rurais necessários a ajudar a complementar a renda dessas pessoas. Buscam trabalho na cidade o que ela pode oferecer, mas mantém hábitos rurais na cidade.

O que estou tentando dizer é que estas pessoas que viviam no campo e migraram para a cidade por uma conjuntura de fatores, começaram ali, literalmente, uma nova vida. Novos postos de trabalho foram buscados, situações inóspitas, por mais contraditório que possa parecer, foram vividas. Estes trabalhadores que antes se dedicavam a trabalhos que valorizavam seu conhecimento no campo, e que tinham todos os recursos naturais a seu dispor, quando chegam à cidade são condicionados a residir em situações que antes não pensavam como possibilidade, como, por exemplo, viverem em terrenos e casas muito pequenas (36 metros quadrados).

“Uai o que eu tenho de lembrança aqui é que nois não tinha nada aqui. Foi começá aqui. Morava de aluguel trabalhava a semana inteira os domingos eu trabalhava pra mim aqui. Fazemo assim. A lembrança qui eu tenho é essa. Mudemo pra cá eu mais a muié a minha menininha tinha oito anos quando nois vei prá aqui então é 12 anos quando eu mudei pra cá qui ela tinha. Nois moremo aqui sem água e sem luz. Ligano água

nos vizim por que num tinha jeito, num tinha água, até pó a água. E até qui nois e até qui nois tamu aqui hoje. Nois num tamu bem não mas.”¹⁹

O que tenho percebido no diálogo com as entrevistas realizadas com moradores do bairro São Judas é que estas pessoas que ali residem desde as primeiras casas não tiveram grandes dificuldades em conseguir o terreno, contudo, a partir do momento em que o conseguiram, só construíram aqueles que possuíam as condições para tal feito. As esperanças que as propagandas despertavam nessas pessoas que tinham como alternativa de sobrevivência a cidade, constroem expectativas nos trabalhadores, mas a realidade se procede de forma distinta do idealizado pelos trabalhadores. O trecho acima, quando o entrevistado nos informa sobre as dificuldades encontradas para construir sua casa, demonstra, ou melhor, comprova o quanto o trabalhador é condicionado pelo trabalho. Só lhe é possível construir algo às custas de muito do seu próprio suor. O que o trabalhador tem é sua força de trabalho, não tem outra forma de conseguir dinheiro que não seja por meio do trabalho, é sua condição de classe. Diferentemente daqueles que são os detentores da exploração dos recursos naturais e científicos; eles também constroem, mas com o suor dos outros a quem exploram de todas as maneiras possíveis.

O que merece destaque é que pessoas como o Sr. Cícero, que se sentiram atraídos pelo movimento da cidade, pode se dizer que se sentem bem, pois a noção de desenvolvimento está geralmente atrelada a uma grande quantidade de pessoas, especialmente se estas forem de outras regiões. Santa Juliana foi lugar que teve um grande crescimento populacional devido às investidas principalmente no setor agrícola.

“M.T.: E o que qui você acha qui tá de problema?

C.: Não, pra mim tá bão

M.T.: Pro cê tá bão. E no bairro?

C.: Não eu num tenho nada a quexá não. Eu pra mim tá tudo bão, beleza.

¹⁹ Cícero Messias Velasco. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

M.T.: E.... os problema que tinha quando cê veio como que foi aconteceno essa mudança, foi chegando energia, água...

C.: Isso aí com o passar do tempo sempre vem isso assim sempre vem, vai evoluino sempre vem. Num é coisa de disdexado não. Então, sempre a gente sempre correu em cima, lutamo, conseguimos, eu num tem nada a queixá não eu me sinto bem aqui²⁰

A trajetória na cidade do Sr. Cícero é marcada por uma rotatividade de empregos, o que nos permite perceber que quando ele afirma não haver nada de errado com o bairro, ele o faz partindo de todas as dificuldades vividas. Trabalhar nas mais variadas funções sem a garantia de que amanhã haverá emprego, só conseguir construir a casa própria com a ajuda da prefeitura e com muito esforço físico e econômico, viver nesta casa durante algum tempo sem as menores condições de habitação, a luta para que se resolvessem os problemas, são elementos utilizados pelo entrevistado que, a meu ver, justificam e valorizam a tranquilidade diante das condições atuais do local.

Percebemos em diversas entrevistas que moradores do bairro e, possivelmente da cidade, além de passarem no decorrer de suas vidas como trabalhadores por diferentes empregos, tiveram também, quando de sua saída do campo, buscá-los por muitas cidades mineiras, pois ao saírem do campo a cidade provavelmente não possuía condições de abrigar a grande quantidade de pessoas vindas da zona rural. O diálogo com Dona Regina, 68 anos de idade, moradora do bairro São Judas aponta evidências de que com o tempo o município de Santa Juliana passou gerar postos de trabalho que permitiram não só a pessoas como ela e sua família a voltarem a voltarem para o município, mas atraíram também pessoas vindas de outras regiões do país.

“Não, a gente daqui nois fomo, nois primero fomo pra Nova Ponte. Nova Ponte nois fomo pro Uberlândia pro Uberaba, de Uberaba a gente volto pra cá né. O seu Manoel pegou e deu pra nois esse terreno”²¹

²⁰ Cícero Messias Velasco. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

²¹ Regina Cândida Cardoso, entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 3/12/2009.

O Senhor Sebastião Donizete Teixeira, assim como Cícero, Dona Regina e muitos habitantes do local, nasceu em Santa Juliana na zona rural. O diálogo com este senhor nos coloca diante das mudanças nas relações de trabalho, mas, além de tudo, nos apresenta como estas pessoas atravessam os dias e como esta travessia relaciona-se com suas ações no presente. Sebastião não é um sujeito que via na cidade muitas possibilidades de se conseguir uma boa vida. A sua relação com o passado dá-se sob um vínculo muito forte com os modos-de-vida do campo. Os costumes vividos ali por ele continuam em suas lembranças como um ideal de sobrevivência, como maneiras de construir que valorizam a proximidade do homem com a terra – local de onde provem a subsistência. Contudo, seus desejos de vivê-los novamente, de retornar ao campo e as peculiaridades das relações de trabalho existentes ali são objetivos quase que irrealizáveis.

Quando estabelecemos um diálogo com as memórias deste sujeito e passamos a interpretar seus sentimentos com relação a sua trajetória, podemos dizer que as saudades de sua infância e adolescência no campo são parâmetros para medir seus esforços e lutas na travada cidade. Ao compararmos os indícios oferecidos pelo entrevistado sobre sua vida na cidade e no campo percebemos que atualmente sua vida só tem sentido graças as suas vitórias alcançadas ao longo dos anos:

“(...) lá onde eu morava, lá tinha um ribeirão que passava no fundo da minha casa. Qualquer lugá que dava uma curvinha a gente nadava nele (...)”

As lembranças do Sr. Sebastião são representativas das poucas oportunidades que têm os trabalhadores migrantes. Mas, principalmente, aludem à proximidade com o viver no campo. Após o fim da entrevista, já com o gravador desligado, o Sr. Sebastião nos apresentou o seu cantinho preferido da casa. Ali havia um fogão à lenha, panelas de ferro e alguns inhames (tubérculo comestível). Carregar estes objetos com sigilo, pra dentro da casa na cidade, permite a ele fortalecer suas lembranças e reafirmar sua trajetória repleta de percalços e de privações, de anos a fio enfrentando problemas por falta de água, de energia elétrica, tendo o banheiro do lado de fora da casa. A atitude deste senhor é uma saudação à vida, é indício de que as dificuldades superadas sustentam

suas lembranças e suas ambições. Não estamos dizendo que conseguir os recursos necessários para a manutenção da existência se torna mais fácil quando o homem mora no campo. Queremos é pensar e tentar compreender como os trabalhadores que migram do campo vivem suas experiências de migração e a narrativa do Sr. Sebastião nos permite pensar em como o homem não determina suas ações individualmente, estas são sempre dadas pela vida em sociedade e mantida pela diferença de classes.

Para tentar compreender como o bairro foi se constituindo podemos recorrer a uma entrevista realizada com uma senhora moradora do mesmo. Dona Helena é moradora do bairro São Judas desde meados da década de 1990 quando ela e seu marido mudaram-se para a cidade. Já foi mencionado que a agricultura é o setor de maior arrecadação do município e sendo a produção realizada em parte por máquinas, a necessidade por mão-de-obra especializada se fazia presente. Como seu marido trabalhava como torneiro mecânico na cidade de Araxá (cidade da mesma região), e ali havia pouco serviço, mudaram-se para Santa Juliana.

“Quando eu cheguei era tudo é terra né? Várias casas inacabável, é.... faltava assim.... muitos lotes vazio né? É aonde que (trecho sem compreensão) ia a avenida aqui ao lado do grupo, que é o grupo hoje era um brejo né? Tem um senhor que panteva horta lá e.... era assim muito irrisório ainda né? não era tão populoso e tão... é porque hoje é completo as casas né? Então faltava estrutura no bairro mesmo. É tudo de chão, tinha, tudo assim.”²²

No momento da entrevista dona Helena retrata as lembranças de sua chegada ao bairro São Judas falando da estrutura do mesmo, articulando o passado ao presente. Quando relembra que o bairro estava em construção e poucas eram as casas do local, ela valoriza sua trajetória juntos as conquistas alcançadas. Atualmente ela é presidente da Associação de moradores do bairro e é uma das pessoas que luta diante dos órgãos públicos pela regularização dos terrenos do mesmo. Refletindo sobre o trecho acima, e comparando-o a um trecho em que o Sr. Cícero afirma que construiu sua casa aos

²² Maria Helena Pereira. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

poucos, percebemos que as pessoas que hoje residem ali foram lentamente se transferindo para o bairro. Com o passar dos anos, à medida que as pessoas conseguiam construir suas casas e as lutas pela realização das obras de infra-estrutura iam garantindo as melhorias do bairro, mais pessoas passavam a se interessar pela compra ou construção de imóveis no local, como é o caso da Sra. Abadia Morais:

“Achei melhor né. Porque aí eu desci mais pra baixo né. Porque aí facilitava mais. Eu tava mais perto do meu emprego. Achei melhor, o bairro tava crescendo né. Porque esse bairro tava melhorando cada vez mais”²³

Dona Abadia nasceu em de Santa Juliana no ano de 1967, não sabemos se na zona rural ou na cidade, mas isso não nos interessa aqui. Importa-nos é o fato de ela ter se mudado para o bairro em questão há aproximadamente sete anos e os motivos de tal mudança. Podemos perceber, a partir das informações contidas na entrevista e no trecho acima, que a direção do crescimento urbano da cidade foi minimamente planejado. Decorrente da necessidade de quem adquiriu os lotes, o bairro forma-se a partir dos anseios de cada um que o compõe desde o loteamento do terreno. Ao que parece as pessoas que residem nesse local começam suas vidas em Santa Juliana juntamente com a formação da própria cidade.

As pessoas vão aos poucos preenchendo os espaços vazios existentes no bairro e os interesses para que se dirijam para ali são diversos. Contudo, eles demonstram que os investimentos com relação ao crescimento da cidade estavam, em determinado momento, sendo direcionados no sentido do bairro com vistas possivelmente à valorização não somente deste, mas também da grande quantidade de terrenos que ficaram entre o centro da cidade e o bairro. Como o bairro foi construídos em terras que pertenciam anteriormente ao prefeito, não sabemos qual, certamente algumas poucas pessoas almejavam a obtenção de lucros com a prática de especulação imobiliária.

“(...) Agora esses loteamento que o prefeito criou ce sabe qui é fora de lei, não pode né? cê tem tem qui dá mesmo por forma de doação mais cê tem qui dá a escritura e com infra-estrutura,

²³ Abadia Morais. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 02/12/2009.

asfalto, com luz , com água, mas esse processo aqui num teve (...) eu to te explicando assim. Essas quatro ruas que a gente legalizo é doado por um prefeito (...) as outras quatro, que são é oito ruas no bairro, já é doação de outro prefeito. Como aqui tava Fazenda Santa Juliana e já tinha passado , a prefeitura já tinha comprado esse loteamento aqui pertim aí teve jeito de fazê porque num existia uma pessoa dona daquele loteamento. Daí eu não sei o processo que foi né? que o pai da menina era prefeito aí tornou esse loteamento ali no nome dela.”²⁴

Como mencionamos anteriormente, havia e ainda há a necessidade de regularização dos terrenos do bairro São Judas. Portanto, os problemas enfrentados pelos moradores do bairro não se resumem aos de infra-estrutura. A não propriedade dos terrenos foi algo que preocupou parte dos moradores e ainda continua a incomodar alguns. Além de atravessarem, muitos deles, um longo período assolados pela falta de saneamento e infra-estrutura, eles tiveram de se organizar a partir da Associação de moradores do bairro para que a posse dos terrenos e imóveis fosse de fato alcançada. Como podemos perceber no trecho acima, a regularização ainda não chegou para todos os moradores, aproximadamente a metade deles ainda continua na incerteza. É interessante observar que, depois de enfrentar anos de privações e de muitos esforços para que suas casas fossem construídas, alguns viveram e outros ainda dormem com a dúvida de que suas casas são realmente suas. Os moradores que ainda não conseguiram a escritura de suas casas e terrenos estão atualmente lutando na justiça para que o consigam por “uso capeão”.

O trecho acima no permite também explorar um pouco mais as manobras políticas empreendidas com relação ao loteamento do bairro São Judas. De acordo com Dona Helena, não se sabe ao certo como as terras nas quais se encontram as casas que ainda não foram regularizadas são pertencentes à filha de um ex-prefeito. Entretanto várias foram as tentativas de se vender, mesmo que a preços irrisórios, os terrenos. Tudo isto indica que mais do que os interesses das pessoas que iriam morar naquele local, as lideranças políticas atendiam aos próprios interesses, geralmente com pretensões de ganhos no futuro.

²⁴ Maria Helena Pereira. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009, p. 13.

Assim, não se trata aqui de vitimizar os trabalhadores e colocá-los como marionetes com as quais as pessoas responsáveis por gerir os negócios públicos constroem a história de acordo simplesmente com seus interesses, mas sim tentar refletir como se articulam os diversos interesses presentes no movimento que vai paulatinamente desocupando o campo e inchando a cidade.

O que nos chama mais a atenção e que não podemos deixar de pensar um pouco mais sobre a questão, é a satisfação dos moradores do bairro atualmente. A maioria dos entrevistados, aliás, todos eles nos colocam diante de sua satisfação em morar em um bairro que hoje conta com uma boa infra-estrutura. As palavras de Dona Regina são muito significativas, pois nos informam sobre as realizações advindas das lutas dos moradores e também sobre seu bem-estar com o local em questão:

“Não eu fico feliz né. Porque tê transformado no que é hoje. Porque tem a igreja. Hoje pode dizê que a cidade é aqui ó. Porque tem igreja, campo de bola, poliesportivo, tem APAE, a casa lar, tem posto de saúde, tudo aqui no bairro. Então a gente num.... se fô pensá a cidade mesmo é aqui. O que falta aqui é uma loja e uma farmácia”²⁵

Quando ela afirma que *“se fô pensá a cidade mesmo é aqui”* ela nos dá indícios de que nenhum outro bairro da cidade possui as condições existentes no São Judas, mas principalmente nos relata o que, para ela, deve ser uma cidade. Ao que parece, e pensando no que dissemos anteriormente com relação a este bairro ter sido planejado quando da sua construção, este foi o primeiro bairro que surgiu com a ida de migrantes do campo para Santa Juliana e os outros bairros surgiram posteriormente. O que havia hoje é conhecido como o centro da cidade.

Como vimos anteriormente o Sr. Cícero Messias Velasco conta-nos sobre como é a vida no bairro nos dias de hoje e afirma que não tem reclamações a fazer sobre o mesmo. A entrevista com este senhor nos ajuda ainda a pensar sobre o processo de migração em que trabalhadores de outras regiões do país, atraídos pela oferta de

²⁵ Regina Cândida Cardoso, entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 3/12/2009, p. 3.

emprego oferecidas pelos novos ramos da agricultura na cidade (olericultura, horticultura, cana, entre outros), se fixam ali.

“Eu num tem nada a reclamá por isso. Eu acho assim, pelo qui eu ando na cidade... a cidade é pequena, eu ando ela toda, eu conheço a cidade inteira, nascido e criado aqui, eu num conheço o pessoal de fora assim cê num conhece todo mundo. Mais num tem, igual o nosso bairro aqui num existe, então todo mundo prefere aqui. Por causa da população todo mundo gente honesta, gente humilde, a maioria parte puxô pro lado de cá. Os outros bairro num tem, aqui nois tem posto de saúde, aqui nois temo APAE, nois temo o Conselho Tutelar tá aqui cum nois, tá tudo aqui. Nois temos escola aqui, os outros bairros num tem. Tem as qui era antiga no centro ali (trecho sem compreensão) popular aqui num tem isso. Lá pra lá, num sei se ocê já andô praqueles lado de lá, lá pra cima (...) Pro cê vê lá num tem asfalto num tem nada, num tem uma estrutura de nada, cê viu como é qui é lá. Já o nosso não, o nosso tem disso tudo. Então parece qui eles dão preferência pro nosso lado aqui.”²⁶

Os bairros mencionados no final do trecho são recentes e as pessoas que ali residem têm enfrentado os mesmos problemas de infra-estrutura que moradores do bairro São Judas vêm conseguindo com muita luta e paciência sanar. Contudo, não temos informações suficientes para que possamos adentrar nas vivências das pessoas destes novos bairros. Mas a possível continuação da pesquisa provavelmente nos abrirá novas possibilidades de perceber as transformações sociais por que vem passando a cidade nos últimos anos.

²⁶ Cícero Messias Velasco. Entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009, p. 4.

Considerações Finais

Escrevendo sobre a temática dos trabalhadores migrantes despertou a curiosidade de avançar nas investigações e tentar compor o universo social em que estes estão envolvidos. Assim neste trabalho coube avançar em questões que permeiam a migração na própria região, não progredindo aqui no enredo atual por que passa a cidade de Santa Juliana que é a migração recente de pessoas de vários estados do país para o trabalho na horticultura, presente hoje na região.

Mas nesse trabalho trata-se de recompondo a atmosfera que antecede a essas transformações, o movimento anterior a esse que coube aqui ser investigado é a base para um estudo posterior sobre os trabalhadores migrantes que chegam à cidade por volta do ano 2000. Sendo assim esta pesquisa encontra-se em aberto para futuras questões e pesquisas sendo outros trabalhos historiográficos sobre este tema importantes para o estudo da cidade de Santa Juliana.

Pretendo dar continuidade a essa pesquisa no mestrado abordando esse movimento pouco debatido no primeiro capítulo, dando seguimento a minha pesquisa.

Fontes de Pesquisa

Segue o conjunto de entrevistas produzidas até o momento. Estes depoimentos foram colhidos com diversos moradores da cidade de Santa Juliana. Dentre eles, estão moradores mais antigos, outros de residência mais recente, agentes do poder público, trabalhadores itinerantes, comerciantes etc. A partir destes podemos perceber a constituição de diferentes olhares sobre a cidade e também sobre suas transformações:

Rivaldo Cícero – trabalha sem registro em carteira nas lavouras de feijão. Tem 20 anos, é solteiro. Nascido no estado do Ceará, vive hoje com a família em Santa Juliana. A entrevista foi realizada no dia 01/09/2009.

Geraldo Marcondes Ribeiro – vive na cidade e trabalha como “gato” (responsável pelo agenciamento das turmas que irão trabalhar nas lavouras). Tem 64 anos e é casado. Nascido em Santo Antônio do Amparo, deslocou-se para a cidade, saindo de Unai, no final da década de 1990. A entrevista foi realizada no dia 01/09/2009.

Rui de Deus – aposentado, o Sr. Rui, morador da cidade desde o seu nascimento, tem 47 anos. A entrevista foi realizada no dia 01/09/2009.

Ronei Ferreira – nascida e criada na cidade, hoje ocupa o cargo de Assistente Social; é casada e tem 33 anos. A entrevista foi realizada no dia 01/09/2009.

Luis Carlos Pires – vereador da cidade no segundo mandato, o Sr. Luis é casado e mora em Santa Juliana desde seu nascimento. A entrevista foi realizada no dia 28/07/2009.

João Cláudio da Silva – nascido na cidade o Sr. Cláudio está hoje com 65 anos. Hoje aposentado, passou toda sua vida no local. É casado. A entrevista foi realizada no dia 01/09/2009.

Pedro Bispo – trabalhador rural, o Sr. Pedro saiu da Bahia e, após passagem pela cidade de Coromandel, no Estado de Minas Gerais, fixou-se em Santa Juliana. Com 52 anos, ele é casado e vive na cidade há cinco anos. A entrevista foi realizada no dia 01/09/2009.

Cícero Messias Velasco – trabalhador por empreito, o Sr. Cícero mudou-se da zona rural do município de Santa Juliana em fins da década de 1960. Com 55 anos reside até os dias atuais na cidade. A entrevista realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

Regina Cândida Cardoso – moradora da cidade há alguns anos fixou-se ali depois de passar por várias outras cidades da região. A entrevista foi realizada na cidade de Santa Juliana no dia 3/12/2009.

Maria Helena Pereira – vinda da cidade de Araxá para Santa Juliana em 1994, hoje ela é a atual presidente da Associação dos moradores do bairro São Judas. A entrevista foi realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

Abadia Moraes – nascida e criada na cidade de Santa Juliana ele tem 42 anos e é aposentada na área da saúde do município. A entrevista foi realizada na cidade de Santa Juliana no dia 02/12/2009.

Sebastião Donizete Teixeira – trabalhador vindo do campo em meados da década de 1980. A entrevista foi realizada na cidade de Santa Juliana no dia 04/12/2009.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLLÈME, Geneviève. **O povo por escrito**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRESCIANI, M. Stella (Org.) **Imagens da cidade**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1997.

_____. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano**. Morar, cozinhar. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

FENELON, D. R.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo/SP: Olho D'Água. 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social. **Projeto/História**, São Paulo, n. 10, pp. 12-31, 1994.

_____. **O Historiador e a Cultura Popular**: história de classe ou história do povo? **Projeto História**, São Paulo, n. 4, p. 05-23, 1991.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Lisboa: Presença, 1973.

INÁCIO, Juliana Lemes. “A gente tem que ficar onde tem serviço”: memória e experiência de trabalhadores no distrito de Tapuirama, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. Enciclopédia Einaudi, v. 01. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, Trabalhos da Memória, São Paulo, n. 17, p. 63-201. nov. 1998.

MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras Histórias**: Memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

NETO, Wenceslau Gonçalves. Estado e Planejamento: a agricultura nos planos de governo no Brasil (1960-1980). *Revista História e Perspectivas*, nº 10, Uberlândia, UFU, 1994.

PASSERINI, Luiza. Mitobiografia em História Oral. **Projeto-História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n. 10, p. 29-40, dez. 1993.

PECHMAN, Robert Moses (Org.). **Olhares sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**: Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, n. 2, p. 53-72. dez. 1996.

_____. Sonhos Ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto-história**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n. 10, p. 41-58, dez/1993.

PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. Diálogos com E. P. Thompson. n. 12. São Paulo: EDUC, 1995.

PROJETO HISTÓRIA, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. Ética e História Oral. n. 15. São Paulo: EDUC, 1997.

PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. Cultura e Trabalho. n. 16. São Paulo: EDUC, 1998.

PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. Trabalhos da Memória. n. 17. São Paulo: EDUC, 1998.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, Sociedade e trabalho na História. n. 11. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1985.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Terra e Poder. n. 12. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1986.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Memória, História, Historiografia. v. 13, n. 25/26 São Paulo: ANPUH/Marco Zero, set. 1992/ago. 1993.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Instituições. n. 14. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1987.

SAMUEL, Raphael. História Local, História Oral. **Revista brasileira de história**, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 19, p. 219-243. set. 1989/fev. 1990,

_____. Teatros da Memória. **Projeto-história**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n. 14, p. 41-81. 1997.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e Ventura Camponesas, Trabalho, cotidiano e Migrações**; Bahia, 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida Pós Moderna, Intelectuais, Arte e Vídeo**: cultura na argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo, EDUSP, 1997.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Senhores & Caçadores**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **A miséria da Teoria**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____. **Costumes em Comum**. Estudo sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

_____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.